



BIBLIOTECAS
DE LISBOA

GAZETA LITTERARIA DO PORTO¹ (Porto, 1868) – Jornal literário portuense que tem o insigne escritor **Camilo Castelo Branco**² como redator. Publicou-se semanalmente, mas apenas o seu primeiro número incluiu a data, 6 de janeiro de 1868. A sua coleção é constituída por dezasseis números, impressos na “**Typographia da Livraria de A. de Moraes & Pinto, rua do Almada n.º 171, Porto**”, também a morada da **Administração da Gazeta**.

Mencionada noutras publicações, a *Gazeta Literária do Porto* faz parte de um catálogo das obras de Camilo Castelo Branco, onde consta: “Começou em Janeiro de 1868, e sahiram somente 16 numeros no formato de 4.º máximo, com 154 pag., **acompanhados de três figurinos de modas coloridos**. (Uma parte dos artigos n’ella incluídos foi reunida pelo mesmo tempo em volume separado, com o titulo de *Mosaico*). A este periódico se **anexava um *Catálogo de livros antigos***, e na maior parte raros, que se achavam á venda no Porto, com declaração dos preços por que se vendiam. Creio que só sahiram 8 catalogos de 2 pag. cada um, no mesmo formato”³, refere Inocêncio da Silva.

Sobre os catálogos, os responsáveis pela *Gazeta*, no seu espaço “Expediente”, informam que “com o n.º 3 se distribuiu o **1º *Catálogo Bibliographico da Gazeta Litteraria***”, e no “n.º4 vai incluído o **2.º *Catálogo***” (n.º4, p. 40).

Alfredo Ribeiro dos Santos investigou e escreveu que esta *Gazeta* teve como “**proprietário e editor Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento**”; e que foi “**suspensa por uma questão levantada pelo romancista**, que exigia do editor o pagamento do seu trabalho no jornal e os direitos de autor pela publicação dos textos de Camilo no volume *Mosaico e Silva de Curiosidades Históricas, Literárias e Biografias* (1868).”⁴

A *questão* originou um aviso que saiu no número cinco do periódico, no “Expediente”: “**A administração d’este jornal previne, para que lhe sejam respeitados os seus direitos de propriedade, que todos os escriptos do snr. Camillo Castello-Branco, aqui publicados, lhe pertencem** (n.º 5, p. 50).

Acrescentamos que, em sequência, **Anselmo de Moraes escreveu *Questão de propriedade litteraria suscitada com a publicação de um livro de***

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/gazetaliterariadoporto/gazetaliterariadoporto.htm>

² Camilo Castelo Branco (1825-1890), acrescentamos, foi maçon “iniciado no Porto, em casa de José Passos, no Oriente da Maçonaria do Norte, talvez em 1846 ou 1847.” V. MARQUES, A. H. de Oliveira – “Castelo Branco (Camilo)”. In *Dicionário de Maçonaria Portuguesa*. Lisboa: Editorial Delta, 1986, vol. I, colunas 294-295.

³ Cf. SILVA, Inocêncio Francisco da e ARANHA, Brito – “586”. In *Diccionario Bibliographico Portuguez...* Lisboa: Imprensa Nacional, 1870, T. 9, p. 13.

⁴ SANTOS, Alfredo Ribeiro dos – “A *Gazeta Litterária do Porto*”. In *História Literária do Porto, através das suas publicações periódicas*. Porto: Edições Afrontamento, 2009, pp. 68-69.

Camilo Castello-Branco intitulado Mosaico (1868), monografia de 24 páginas impressa no Porto⁵.

No primeiro “Expediente”, projeta-se “**publicar este periodico nos dias 6, 14, 22 e 30 de cada mez. No próximo fevereiro o n.º 4 sahira no ultimo dia**”; e por causa de “transportar nos caminhos de ferro francezes os figurinos, visto que lá os não aceitaram”, **adiou-se para o “2.º número da Gazeta” a inclusão do figurino**. Seguem-se os locais de *assinatura*: no Porto, na sua administração; “em Lisboa, na livraria do sr. Campos Junior, rua Augusta n.º 77 a 81; em Braga na do sr. Germano Joaquim Barreto; em Coimbra na do sr. J. Augusto Orcel; em Lamego na do sr. Francisco Marques da Rocha, e em Aveiro em casa do sr. José Maria da Costa Azevedo”. No fim, veem “**As Condições d’Assignatura**”: preço semestral por 1\$400 e 2\$600 anual para o Porto; 1\$520 semestral e 2\$840 anual para as *Provincias* (franco de porte); e 1\$900 semestral e 3\$600 anual para o Brasil (n.º 1, p. 12).

Num aparte, e com a *Gazeta* a sair nos dias mencionados, constatamos que o seu último número (dezasseis) saiu no fim de abril, correspondendo a uma **existência de quatro meses** na imprensa periódica literária do Porto.

Paralelamente, **os responsáveis pela Gazeta pretendiam “formar um volume de 48 numeros”**, segundo o “Expediente” do final do 1º trimestre (n.º12, p. 114). A intenção de publicá-la durante um ano – 48 números –, reitera-se no último “Expediente”: “Por vermos insuperáveis as dificuldades com que luctamos para dar-mos em tempo competente os *figurinos de modas* aos nossos assignantes, resolvemos supprimil-os e dar-mos em vez d’elles **mais duas paginas de leitura cada mez e um romance de author conhecido no fim do anno**” (n.º 16, p. 154).

APRESENTAÇÃO EDITORIAL

A *Gazeta Litterária do Porto* abre com o “**Proemio**” de **Camilo Castelo Branco** retratando-se, curiosamente, como escritor de “livros recreativos”.

O *proemio* inicia-se com a opinião do autor sobre o *periódico literário*, o qual para ter sucesso comercial, não basta ser fruto de “boa vontade e esforços”. A seguir, Camilo Castelo Branco (CCB) fala sobre o mercado livreiro do Porto e de Lisboa: “**Argumentar contra o gosto litterario do Porto fundando a queixa em que não passam de quinhentos os compradores do livro recreativo**, é auctorizar-nos a perguntar se Lisboa os terá. E, se alguém pasmar da confrontação, ser-me-ha facil, com **o exemplo de minhas obras propriamente, testificar que mais de metade das edições publicadas em Lisboa são aqui vendidas.**”

Por fim, baseado na sua larga experiência como escritor e jornalista, CCB escreve, o que nos parece, uma apresentação irónica do periódico, a fechar o *proemio*: “**Entretanto, nenhuma consideração desalentou os proprietarios da GAZETA LITTERARIA DO PORTO**. Parece que elles não miram a negociar

⁵ Cf. Catálogo bibliográfico da Biblioteca Nacional de Portugal, em: <http://catalogo.bnportugal.pt/#focus>

de theor e modo que, depois de ricos, somente hajam por bem de **conceder ao Porto a regalia de terra amante das letras.**”

“Os meus colaboradores nesta agradável tarefa também pendem a crer que este caminho não é o mais direito para a opulencia, e bem sabem quantos marcos miliários se erguem nelle a demarcar a via da pobreza. Tanto monta. **Redactores e proprietários nos despediremos alegremente do publico, no dia em que a sua atenção se fatigar**” (n.º1, pp. [3] -4).

ESTRUTURA GRÁFICA

De mencionar, a inclusão de um “**Índice**” solto, das 154 páginas da coleção desta *Gazeta*; na contracapa informa-se sobre a sua venda em casa de “III^{mos} Snrs.”, repetindo-se os locais das assinaturas, acrescentados por outros dois: “Joaquim Eduardo de Almeida Teixeira, *Villa da Feira*; e António Augusto da Cruz Coutinho, livraria, *Rio de Janeiro* – Rua de S. José n.º 75”; e termina com o preço de “2\$000 réis [avulso?]”.

Graficamente, a *Gazeta Litterária do Porto* apresenta um único *frontispício*, no seu primeiro número, com o seu título em letra maiúscula, o nome do redator, a numeração e a data completa, a indicação do seu “Anno I”, esclarecendo assim, que é um novo periódico e não a continuação de outro [n.º 1, p. 3].

Nos outros exemplares do periódico, a sua numeração é a mesma dos cadernos a encadernar e encontra-se à esquerda, no fim da página, exceto o número nove, provavelmente por gralha tipográfica.

Impressa a duas colunas e sem anunciantes, a *Gazeta* apresenta uma mancha gráfica compacta, de letra a preto em fundo sépia. Separados por pequenas vinhetas, os seus textos sucedem-se com os títulos em maiúsculas.

A sua paginação é contínua e aparece encimando as páginas, ladeando o título da publicação, exceto na sua *primeira página*. Cada número da *Gazeta* é composto por uma quantidade variável de páginas, entre **8 a 12 páginas**, não contando com o *Índice* nem os *figurinos*.

COLABORADORES E CONTEÚDOS

A *Gazeta Litterária do Porto*, também conhecida pela “Gazeta de Camilo Castelo Branco”, conta com cerca de doze colaboradores.

Apesar do tema da Literatura ser maioritário, a *Gazeta* também foca outros assuntos como a História, a crítica diversa, e alguma moda feminina.

Camilo Castelo Branco, além de redator, é o autor da maioria dos textos do periódico contabilizando quase trinta textos assinados, em vários géneros literários: o **folhetim passionnal** *Izabel Clesse*; **crónica histórica** na rubrica “Notícias do Porto Antigo”, em “O Castello de S. João da Foz”, etc.; **crítica** variada sobre “Manuel de Souza Coutinho e Miguel de Cervantes”, “Notícia dos primeiros galopins eleitoraes em Portugal”, “Ácerca dos Jesuitas”, “Um bom Ministro da Fazenda para Portugal”, etc.; também analisa **epistolografia antiga** que lhe enviam, em “Passagens de uma carta autographa de um grande

sábio”, Carta de D. Antonio, Prior do Crato, aos lentes da Universidade de Coimbra”, etc.

Ana Plácido⁶, assinando **Gastão Vidal de Negreiros**, colabora com três tipos de textos: um **romance em folhetim**, *Regina*, que atravessa todos os números da *Gazeta* e fica incompleto; **epistolografia** composta por **quatro cartas, sendo três dirigidas a C. Castelo Branco**. A primeira, dirigida a “Meu amigo”, apresenta-se intimista e saudosista, a qual recebe de C. Castelo Branco, uma resposta repleta de recordações comuns, terminando com a promessa: “eu nunca direi quem é o desgraçado que, sob o pseudônimo de *Gastão Vidal de Negreiros*, tocou o extremo infortúnio de escrever romances” (n.º 1, pp. 5-6). As outras três cartas são de **crítica literária**, duas sobre ***Sons que passam*** (1868) de **Thomaz Ribeiro**, e ***Vozes sem echo*** (1967) de **Guerra Junqueiro**.

O investigador **António Ferreira de Brito** escreve acerca de algumas colaborações na *Gazeta*: “**Gastão Vidal de Negreiros** com um «romance original», *Regina*, que documenta o aburguesamento da cidade do Porto, em que cita Byron em francês; **António Azevedo Castelo Branco** [1842-1916], sobrinho do romancista [escreve a crónica histórica, “Cousas do Diabo”]; **Castilho**⁷ que publica em folhetim *As Sabichonas* (tradução de *Les femmes savantes*, de Molière); **Delfim de Almeida**, [“Palestra Litteraria I, II e III”] que discorre com bastante profundidade sobre o romance, defendendo que, muito longe de ser uma forma artística dissolvente e corrosiva das sociedades modernas, aquele género popular era «um dos agentes mais enérgicos do progresso moral».

O mesmo investigador, nomeia também outras “figuras literárias de relevo como **José Maria (d’) Andrade Ferreira** [rubrica “Echos de Lisboa”], **Bulhão Pato**, **J. Frederico Laranjo**, **Ramalho Ortigão** [rubrica “Echos do Porto”], e até uma mulher poetisa, **Ernestina da Luz**”; afirma que “o folhetim passional ***Isabel Clesse Que Morreu Enforcada por Querer Matar o Seu Marido*** revela que, mesmo depois da questão coimbrã do *Bom Senso e Bom Gosto*, **esta gazeta literária do Porto, cidade já aberta aos ideais humanitários de inspiração huguesa**⁸ [...], **continuava ainda muito sensível ao Ultra-Romantismo que se extremara no Norte.**” E, reforça a sua opinião, ao dizer que “Camilo foi mais um dos ultra-românticos do Porto que a sua ironia matizou num bem continuado exercício lúdico de atracção e repulsa.”⁹

⁶ Ana Plácido (1831-1895) começa, em 1968, a escrever “com o seu primeiro pseudónimo: Gastão Vidal de Negreiros. Sob este disfarce colaborou na *Gazeta Literária do Porto* [...]” V. CABRAL, F. Damas – “PLÁCIDO, Ana (Augusta)” – In BUESCO, Helena Carvalhão (Coord.). *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lx.: Ed. Caminho, 1997, pp. 422-423.

⁷ Refere-se ao famoso escritor António Feliciano de Castilho (1800-1875), maçom “iniciado em 1839 ou pouco antes na Loja *Independência*, de Lisboa (Maçonaria do Sul), com o nome simbólico de Chénier, passou nesse mesmo ano para a loja *Regeneração*, nº 338, também de Lisboa, obedecendo ao Grande Oriente Irlandês.” V. MARQUES, A. H. de Oliveira – “Castilho (António Feliciano de)”. In *Dicionário de Maçonaria Portuguesa*. Lisboa: Editorial Delta, 1986, vol. I, colunas 297-298.

⁸ Adjetivo referente à obra *romântica* do escritor francês Victor-Marie Hugo (1802-1885).

⁹ V. BRITO, A. Ferreira de – “*Gazeta Literária do Porto*”; “(O) Porto (e a Literatura Romântica)” – In BUESCO, Helena Carvalhão (Coord.). *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lx.: Ed. Caminho, 1997, pp. 211-212; 435.

A crítica literária, na *Gazeta*, encontra-se assinada por vários colaboradores: José Maria d'Andrade Ferreira (1823-1875) critica **As Pupillas do Snr. Reitor, chronica da aldeia de Julio Dinis**; J. Frederico Laranjo (1846-1910) escreve sobre **Os Quadros Cambiantes de Cândido de Figueiredo**, também criticado na “Carta II ...” de Ana Plácido; Ramalho Ortigão (1836-1915) publica três críticas sobre: **O hospital da Santa Casa da Misericórdia do Porto de João Mendes Osorio**, “**Madame de Girardin (fragmento de um livro intitulado Em Pariz)**”, e foca os romances do escritor “**Ponson du Terrail**”, etc.

As **poesias** no periódico são escassas porque, segundo Camilo, “não há quem as leia”¹⁰. Os seus títulos são: “**Amor Immortal**” por Bulhão Pato (1829-1912); “**Depois do Baile**” por Júlio de Castilho (1840-1919); “**O Despertar da Festa**” por J. Frederico Laranjo; “**Recordações da Infancia (fragmento)**” e “**À Noite**”, dois poemas de Ernestina da Luz.

Não podemos deixar de mencionar outros dois (excertos de) romances, **A Conspiração de Pernambuco de M. Pinheiro Chagas** (1842-1895), e **Que Lucta!** por Delfim d'Almeida (1836-1892); e também “**Arte de desamar. Paráfrase lírica de Ovídio**”, outra tradução de A. Feliciano de Castilho.

O “**Expediente**”, quando é publicado, fecha os números da *Gazeta*, exceto os números: 6, 7, 10, 13, 14 e 15. Estes exemplares terminam com textos históricos, uns assinados por C. Castelo Branco, outros não assinados.

Apenas o **número seis da Gazeta termina com “Modas”**, secção não assinada que descreve três trajes femininos, e simultaneamente critica os seus exageros. Esta secção inicia-se no segundo número do periódico, provavelmente para cativar leitoras, mas publica-se só três vezes porque, subentende-se, o seu autor não a quer escrever por ser fútil. Na última vez, em formato de crónica irónica (de Camilo?) lê-se: “**A moda, minha querida leitora! A moda hoje é ser deputado; a moda é ser orador nos comícios, e tolo oratório nas praças e nos caffés**” (n.º 10, pp. 97-98).

CONTEXTO LITERÁRIO

O *Romantismo* em Portugal como movimento literário, opõe-se ao *classicismo* do qual é mentor António Feliciano de Castilho, colaborador da *Gazeta Litteraria do Porto*, em 1868.

Três anos antes, a polémica literária conhecida por *Questão Coimbrã* (1865), surgia entre Antero de Quental e António Feliciano de Castilho – o *padrinho* dos jovens formalistas que acaba por sair destronado. Ao poeta António Feliciano de Castilho, junta-se Camilo Castelo Branco que é considerado o escritor mais *popular e polemista* da sua geração.

¹⁰ SANTOS, Alfredo Ribeiro dos – “A *Gazeta Litteraria do Porto*”. In *História Literária do Porto, através das suas publicações periódicas*. Porto: Edições Afrontamento, 2009, p. 69.

“O que se discute nesta chamada «Questão Coimbrã» é precisamente se a literatura deve ou não debater os grandes problemas da cultura e da sociedade contemporânea.”¹¹

De acordo com a investigadora Teresa Almeida, “o Romantismo português foi essencialmente nacionalista” até concluir que “a literatura era a sua história e a sua crítica. Percorreu vários géneros, criou e desenvolveu o romance e o drama, utilizou formas importadas (a balada, por exemplo), procurou na literatura tradicional e oral uma fonte de inspiração, reflectiu sobre si própria, criando assim, o seu próprio público.”¹²

Por Helena Roldão

Lisboa, Hemeroteca Municipal de Lisboa, 19 de março de 2015.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

SILVA, Inocêncio Francisco da; ARANHA, Brito (cont.) – *Diccionario Bibliographico Portuguez...* Lisboa: Imprensa Nacional (1859-).

MARQUES, A. H. de Oliveira – *Dicionário de Maçonaria Portuguesa*. Lisboa: Editorial Delta, 1986.

BUESCO, Helena Carvalhão (Coord.) – *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Ed. Caminho, 1997.

SANTOS, Alfredo Ribeiro dos – *História Literária do Porto, através das suas publicações periódicas*. Porto: Edições Afrontamento, 2009.

SARAIVA, José, e LOPES, Óscar – *História da Literatura Portuguesa* (2.^a Edição, corrigida). Porto: Porto Editora (19--).

¹¹ SARAIVA, António José, e LOPES, Óscar – “O Romantismo em Portugal”. In *História da Literatura Portuguesa* (2.^a Edição, corrigida). Porto: Porto Editora (19--), p. 653.

¹² V. ALMEIDA, T. – “Géneros Literários” – In BUESCO, Helena Carvalhão (Coord.). *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Ed. Caminho, 1997, p. 215.